FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

# Temas PEDAGÓGICOS 19



# Os olhares de um escrivinhador

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

# PEDAGÓGICOS Temas 19



## Os olhares de um escrivinhador

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

# OS OLHARES DE UM ESCRIVINHADOR

José Batista de Lima

Fortaleza - CE
2007

Universidade de Fortaleza - UNIFOR
Av. Washington Soares, 1321 - (Edson Queiroz)
Cep.: 60.811-905 - Fortaleza - CE - Brasil.

**Chanceler**
Dr. Airton Queiroz

**Reitor**
Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Mendes de Sousa

**Coord. Editorial**
Prof. José Antônio Carlos Otaviano David Morano

**Capa:** Diretoria de Comunicação e Marketing
**Revisão:** Solange Maria Morais Teles
**Digitação:** César Nogueira Maia
**Editoração Eletrônica:** Antônio Franciel Muniz Feitosa
**Supervisão Gráfica:** Francisco Roberto da Silva
**Impressão:** Gráfica UNIFOR

**Ficha Catalográfica**

L732o Lima, José Batista de.
Os olhares de um escrivinhador / José Batista de Lima. - Fortaleza : Universidade de Fortaleza, 2007.
40 p. (Temas pedagógicos ; 19)

1. Literatura cearense - Coletânea. I. Título

CDU 860.(813.1)-82

IMPRESSO NO BRASIL - PRINTED IN BRASIL

## SUMÁRIO

# APRESENTAÇÃO

A Vice-Reitoria de Ensino de Graduação – VREGRAD –, da Universidade de Fortaleza, apresenta o Temas Pedagógico Nº 19. A publicação de número 19, intitulado "Os olhares de um escrivinhador" é uma coletânea de 11 resenhas de livros de professores da Unifor, feitas pelo professor e poeta José Batista de Lima.

Os textos aqui publicados enfocam a beleza dos livros, seja texto intimista seja sobre cultura, memória, patrimônio e lugar. Por meio das resenhas, o leitor torna-se um "voyeur", *por sentir o prazer da leitura já sobreposta ao prazer do texto*, nas palavras do resenhista quando cita Barthes.

Esta publicação transcende o papel restrito de publicação acadêmica, abrangendo tanto a função social, cultural e de fruição da boa leitura. Pois cada texto, mesmo criado para uma ocasião, torna-se na pena do Batista de Lima uma pérola habilidosamente burilada. Desse modo, espera-se que a curiosidade do leitor seja aguçada e siga os caminhos indicados pelo autor nas obras aqui resenhadas.

Boa Leitura!

Prof. Wilhelmus Jacobus Absil
**Vice-Reitor de Ensino de Graduação**

## O itinerário de cada um

O peso do mundo se equilibra nos ombros de quem está mais vivo. Quanto mais atento se está, mais carga se recebe. Essa carga chama-se cultura, que, segundo José Paulo Paes, é tudo aquilo que a gente se lembra após ter esquecido o que leu, portanto, não é aquilo que entra pelos olhos, mas é o que modifica o olhar. Esse é o apostolado de quem quer transformar seu universo. No caso de Regina Barros Leal e sua vocação para outrar-se, nada melhor que se iniciar pelos circunstantes. Ou como dizia Toinbee – "eu sou eu e minhas circunstâncias". Regina é sinônimo de circunstâncias. Ela existe para dar vida ao que lhe cerca. Por isso que seu Itinerário não é só seu, mas de cada um que lhe cerca, principalmente dos que lhe estão mais próximos. Regina tem insônia e esse é o grande bem que acomete os escritores. Feliz de quem vive insone, porque está atento aos aconteceres. Daí que esse seu livro de crônicas, editado pela Universidade de Fortaleza, neste 2006, traz 118 páginas, revelando os principais acontecimentos de sua vida, tratados pela ótica da sensibilidade.

Ocultando-se por traz dos pseudônimos, Lúcia ou Márcia, a autora espreita o mundo por traz de um esconderijo transparente. Isso porque, em muitos momentos, sua ternura sangra de fora para dentro, e aí o leitor verifica que seu mundo interior é bem mais vasto que aquele que nos circunda. Esse introjetar-se da autora nos leva a constatar uma grande melancolia diante do efêmero da vida, diante das interrogações diárias e da saudade do mundo. Essa crônica da maturidade nos põe diante da realidade de nosso existir.

A sua escritura de catarse é pungente, e plange nos cafundós do nosso ser. Viver é correr um risco. Escrever é abismar-se. Itinerário é a corda de salvação alçada sobre um precipício.

O resto é atalho, onde fantasmas saltitam em pantomimas. Se "a madrugada é gorda" e "o silêncio é cálido" a vida chumba-se. Será que há salvação? Há. Ela está na escritura. É no texto escrito onde está a razão de viver. Escrever é inscrever-se, até reinscrever-se no mundo. Só a literatura é capaz desse milagre.

Itinerário é o livro do tempo de Regina Barros Leal. Esse tempo está nas prateleiras da memória, operando feito traça em trabalho. A autora, em todas as suas crônicas, faz uma faxina geral nesse caritó de lembranças e nos presenteia com o que há de melhor. Se essas lembranças são agradáveis ou não, não importa. A autora transforma todas elas em matéria literária. O que é dorido torna-se poético. Mas a autora deixa-se emergir do texto como uma criatura solitária. Não há escritor que não se biografe na escritura. A melhor biografia de um autor é seu texto. E quando esse texto é uma crônica, há "uma exteriorização do mundo subjetivo do autor ante um fato do cotidiano. Por isso, o tênue fio que a une à poesia", como afirma Giselda Medeiros na Apresentação.

Nessa mesma linha, Aíla Sampaio, que também escreveu comentário no livro, afirma que a autora "toma como suas as dores do mundo (...) contando histórias vividas, vistas, ouvidas, desnudando dores suas e alheias (...) confessa o seu cansaço, a sua impotência ante o incognoscível". Ou seja, por estar sozinha, a autora traz para si as multidões, principalmente aquelas pessoas que estão ao pé de si. Nesse mutirão estabelecido, ela se torna confessional.

Outra análise está na contracapa do livro e vem assinada por Grace Troccoli que detecta nos textos lidos uma forma de reinvenção da vida da escritora. Fala de um esgarçar de entranhas da memória onde até as coisas mais simples da infância chegam a imergir. Esse monturo escavado vem repleto de cacos que vão sendo colados e restaurados na estrutura da escrita. Essa é uma das virtudes das crônicas de memórias. Por isso, pode-se rotular, sem medo, a autora de cronista.

Cronista é uma espécie de jornalista da literatura, é, no entanto, o literato do jornalismo. É pois a crônica, um gênero à deriva entre as subjetividades da narrativa e a temporalidade da informação. As crônicas de Regina Barros Leal não garimpadas no latifúndio da memória, esse inesgotável terreno encravado na nossa



mente e alimentado pelos rios do tempo e riachos das experiências pessoais. Cada um traz em si esse depositário de vivências que são captadas pelos radares dos sentidos ao longo da vida. Afinal, a autora é detalhista e retém na mente, todos os contornos dos espaços que palmilhou um dia.

Essa perspectiva leva-a a revelar "secretos instantes de intimidade", como avisa na Introdução. Diz ainda que se encontrou de novo, "de outro jeito, com ar de estranhamento". Por fim ela cria uma intimidade com o texto, cria uma cumplicidade, um certo aconchego, um agasalho se ergue da sua escritura. Ao tecer, o texto ela tece a si própria e dá sentido ao existir.

Ora, todo texto é um teto onde o autor edifica um paraíso que já viveu. E se esse texto é de memórias, mais explícito se torna esse retorno a um mundo que prescreveu. Todo texto tem suas falas, seus discursos circunstantes. Fica patente a maneira agradável como a autora escreve. Ela não apenas elabora o texto, mas tempera com o sabor suficiente para tornar a leitura apetitosa. Regina Lúcia tem o domínio da palavra. Consegue extrair dela o significado sutil, o mistério e a revelação. Afinal toda palavra é uma claridade pousada sobre um enigma.

# O velho escrevinhador e sua última adolescência

Cada idade possui sua adolescência. Em qualquer momento da vida tem-se a chance de quebrar o osso das convenções, de ferir os dogmas e os paradigmas que nos foram impostos. Mas o momento mais inusitado para essa puxada do tapete é na chamada melhor idade. Nesse momento de acomodação, o que mais incomoda os outros é a busca dos atalhos, a fuga da estrada principal. Um exemplo é fugir de casa aos setenta anos. E foi exatamente isso que ele fez no dia do septuagésimo aniversário.

Quem conta a história é Felipe Barroso em O velho que ainda escrevia cartas de amor. Publicado pela Editora 7 Letras, do Rio de Janeiro, esse autor cearense teve seu livro selecionado para publicação no II Edital de Incentivo às Artes, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Trata-se de uma coletânea de contos com alguns deles premiados anteriormente, outros publicados na revista Literapia e um deles incluído entre os escolhidos do 2º Prêmio Ideal Clube de Literatura, em 1999. Vê-se assim que o escritor não é neófito na arte da escritura nem na prática da divulgação de seus escritos.

Ao longo do seu livro, Eros e Thânatos se dão as mãos e vão margeando o destino dos personagens. É a tia que pede ao sobrinho médico que a mate. É a ex-namorada do velho setentão que morrera jovem, solteira e bela sendo visitada no cemitério. É o doente de câncer que passa a viver no campo santo. Como se vê, há em todos os contos do livro a presença inarredável da morte. O desfile de fantasmas dá a cada história uma atmosfera fantástica sem apelar para o divino nem para o maravilhoso.

O autor, Felipe Barroso, nascido em 1963, em Fortaleza, logo que ficou taludo de corpo e olhudo de curiosidades meteu o



pé na estrada e navegou por mares estranhos e distâncias ignotas. Cumprindo o estatuto das almas inquietas, captou as dores do mundo e transfigurou-as em verbo. Esse seu verbo tem a credencial de quem foi, viu e escreveu. É uma verdadeira reportagem narrativa com a atmosfera do conto, com todas as características da história curta.

Advogado e professor Universitário, ele deriva da lei à leitura, da leitura à escritura. Conseqüência disso é a frase enxuta, a pureza gramatical e a concisão no elaborar textual. Essa pureza com que trata o vernáculo é tamanha que não se encontra nenhuma achega gramatical nos originais dos contos, e leva-nos à conclusão de que sua escritura pode até se iniciar com a inspiração, mas o tempo mais gasto na educação textual fica por conta do burilamento da forma. Nisso Felipe Barroso é perfeccionista.

Uma característica que chama a atenção do leitor é seu pendor para derivar sem receio do conto à crônica. Mesmo o livro sendo de contos, há alguns momentos em que o leitor se depara com bem urdida crônica de costumes. É algo escrito tão despreocupadamente e tão no limite entre os dois gêneros que fica difícil definir se se trata de texto apenas comprometido com o tempo presente ou se é a criação de uma narrativa curta via descrição impressionista. É o caso de "Menino e trocador", "Bancos de aluguel", "A noiva de Bristol" e "Aniversário'. Isso não é demérito nenhum e foi praticado por escritores como Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector. O importante é que em todos eles o tempo aparece como elemento fundamental, dada a feição corrosiva de que é imbuído.

O tempo é pois o liame entre os componentes textuais como a lubrificar o texto nos seus momentos de seca racionalidade de quem se educou, se habilitou e milita no positivista mundo das leis. O tempo da escritura perlonga por vinte anos de cozinhamento antes de servir seus leitores com esta edição de belo acabamento. Vinte anos de tempero e adubo nos trazem agora um texto tenro e salpicado de ternura para com os personagens nascidos e robustecidos no seio do povão. Radagásio, que podia ser Sebastião-Cara-de-Sabão, tocava trombone na banda do Batalhão de Caçadores, e usava bigode até virar "Ford Bigode" e ter que

raspá-lo com o barbeiro Chico Dadá. Antes de morrer de si morria da morte dos outros através de "seus olhos neblinados". Havia um carpidar permanente escanchado no existir do personagem.

Também o autor vem a carpir as dores daqui e dalhures. Depois de bater perna por esse mundão que Deus nos deu, Felipe Barroso voltou para sua loura desposada do sol com a experiência das figuras picarescas. Filho pródigo, concluiu: "Minha cidade é meu reino". E foi mais além: "Minha cidade é igualzinha às outras do resto do mundo". Para chegar a essa conclusão foi preciso desdobrar o canivete, cortar os punhos da fianga e proclamar para engraxates, jornaleiros e passarinhos quem era o verdadeiro rei do mundo, imperador dos caminhos. Era ele próprio. Convencido de que a bateria para lhe energizar estava ligada no cordão umbilical, voltou a Fortaleza de corpo, alma e escritura neste seu livro de contos. Daí sua propensa dupla função de narrador e personagem a transparecer.

Contar histórias não é para qualquer um. Não é para quem tem medo de fantasmas, noite escura, encruzilhada e alma penada. Por isso que ele enfrentou a bruxa Teresa, surgida na noite alta da floresta de arranha-céus, e deu-lhe voz nos seus escritos. Seu conto "Teresa, a bruxa" é um prenúncio de que a velha noctívaga não é única na esteira da devastação que a miséria espalha nos grandes centros urbanos sobre aqueles predestinados ao suplício do abandono. Miséria tão maior que a da Duquesa que pede ao médico que a mate por não ter suporte para gemer vagidos de dor. O mundo da dor é um aprendizado que só os treinados superam.

Felipe Barroso é pois um exímio contador de histórias. Isso acontece porque ele observa, ouve e ausculta a pulsação da urbe. Narrador urbano, ele dá voz aos que não têm voz mesmo tendo muito o que dizer. Seus textos fazem uma prospecção nesse mundo que as elites ignoram, mas que lateja e reverbera, grita e geme bem diante de nosso nariz. Nós podemos até ignorar esse mundo, Felipe Barroso não comete esse pecado. Ele carrega consigo as dores do mundo, que de tão pesadas ele as divide agora com seus leitores através desse velho que ainda escrevia cartas de amor.

## A saga de Franz ou a história de Chico Alemão

O cordel trabalha com a narrativa. É um texto em terceira pessoa, com sua função expressiva sempre centrada no outro. Surgido como crônica de um povo sem notícia, o cordel, hoje, diante de tantos meios de comunicação, poderia estar esquecido, não fosse a persistência de jovens talentos poéticos, o exotismo e o encantamento do estilo, e, principalmente, o baixo preço da impressão, aliado à musicalidade, à oralidade e ao poder de comunicação entre os seus leitores. Então é fácil encontrar, hoje, cordelistas ainda imberbes, versejando em torno de temas atuais. É o caso, entre outros, de Gadelha do Cordel.

Gadelha do Cordel é como se assina o jovem cordelista e aluno do curso de Letras da Unifor, Guethner Gadelha Wirtzbiki. Neste cordel, intitulado "A saga de Franz", da Editora Palavrandante, de 2006, ele traça a trajetória do seu bisavô Franz Wierzbicki, que nasceu na Alemanha, mas veio residir em Fortaleza na maior parte da vida.

O texto é todo confeccionado em septilhas decassilábicas com rimas ABCBDDB, seguindo à risca as normas tradicionais do cordel. Aí vai sendo construído o perfil de Franz desde o seu nascimento, em 1893, passando sua mocidade de minerador em minas de carvão da Alemanha, bem como seu casamento com Hedwig Grete Alma Olga Frentz.

Chegando ao Brasil, ainda solteiro, Franz se apeia em Belém do Pará, onde faz amizade com o adido cultural alemão naquela cidade. Mesmo estando no Brasil, sua noiva continuava na Alemanha. Para seu retorno à terra natal, teve que pedir carona como faxineiro em um barco que ia de Belém à Europa.

Reencontrando sua querida Hedwig na terra natal, também encontrou no seu nascedouro o tormento da Primeira Grande Guerra.

Nesse encontro com sua namorada vem a desdita da convocação para a guerra, muito bem descrita pelo poeta, seu bisneto: "Outra vez o casamento dos dois/ Não poderia ser realizado/ Todo homem tendo idade de guerra/ Deveria defender o Estado/ E sendo Franz viril, robusto e forte/ como muitos não tivera outra sorte:/ Tinha acabado de ser convocado".

Durante a Primeira Guerra Mundial, Franz lutou em territórios francês e russo, na famosa guerra de trincheiras, foi promovido a cabo e conseguiu aprender a língua dos russos. Dado como desaparecido no campo de batalha, sua família chegou a receber condolências oficiais do governo e sua noiva Hedwig mandou pintar um retrato do morto. Quando da inauguração do quadro, Franz aparece salvo e saudável. Contou então para a noiva que estivera internado na Turquia. Finalmente, resolveu casar com Hedwig, em maio de 1918. Foi então que Franz partiu em definitivo para o Brasil. Sem saber o português, aprendeu nossa língua em lições informais de um amigo em pleno Passeio Público, em Fortaleza.

Alemão, por conta da guerra, não era bem visto no Brasil. Franz, precavido, dizia-se americano e assim sobrevivia. Passado o conflito e amainadas as relações estrangeiros x nativos, Franz mandou vir da Alemanha a mulher e a filha. Comprou uma fazenda vizinha à propriedade de Daniel Queiroz, pai da escritora Rachel de Queiroz, que era juiz de Direito. Nesses contatos de vizinhos, o alemão contou muitas histórias de sua vida picaresca em tempos de guerra e de paz, para aquela garota que viria ser a grande escritora. Dessa amizade surgiu o convite da escritora para que Franz fosse padrinho do seu casamento.

Em dois livros de Rachel de Queiroz, há menção a Franz, em Memorial de Maria Moura e principalmente em Tantos anos, em que ele aparece como "Chico Alemão". Outro livro em que ele aparece é em Benfica de ontem e de hoje, de Francisco de Andrade Barroso. Franz foi ainda caldeireiro nas "Oficinas do Urubu", da Rede Viação Cearense, lá para as bandas da Avenida Francisco Sá.

Com o surgimento da segunda Guerra Mundial, surgiram outros tormentos para Franz. Primeiro, a consciência da barbárie



de uma guerra em que muitos iam morrer, principalmente seus conterrâneos; depois, a rejeição que passaria a sofrer dos fortalezenses, por ser alemão, a ponto de, juntamente com Hedwig, ser preso no Corpo de Bombeiros e ainda sofrer um atentado quando estava em casa.

Comprando uma casa a José Gentil, no Benfica, na Rua Waldery Uchoa, para ali mudou-se Franz com sua família. Terminada a Segunda Guerra Mundial, Hedwig, que já tinha recebido o nome de Margarida, volta à Alemanha para rever os familiares que escaparam do grande conflito. De volta ao Brasil, é recebida com festas pelo marido e pelos filhos, no dia dez de outubro de 1953. Nesse ponto termina o cordel de Guethner, relatando a morte de Franz. "Naquela noite todos festejavam/ Franz chorou, gargalhou, comeu/ Hedwig bailava bela ao seu lado/ Bem quando o inesperado aconteceu/ Foi quando os dois dançavam no salão/ Que parou de bater o seu coração/ E de um ataque cardíaco morreu".

Assim termina esse verdadeiro romance picaresco que foi a vida de Franz. Talvez ninguém se lembrasse, no futuro, da existência desse herói do povo, não fosse a escrita de Gadelha do Cordel, que, tirando do ostracismo seu ancestral, coloca o leitor a par da vida de um entre tantos que batalharam nas guerras das nações e na guerra da sobrevivência. Guethner Gadelha Wirtzbiki, o Gadelha do Cordel, não conheceu seu bisavô, que morrera 28 anos antes de seu nascimento. Contudo, com esse cordel, faz conhecido de muitos, seu familiar herói. Gadelha do Cordel faz parte de uma família de artistas e intelectuais. Primo do poeta Dimas Macedo, ainda conta como familiares seus o também poeta Francisco Silvério, bem como o artista plástico Descartes Gadelha. Esse seu DNA artístico levou-o a, mesmo ainda jovem, ter seus textos publicados em antologias de alcance nacional. Sua tia e também escritora Fernanda Benevides traça com mestria seus dados biográficos, enfatizando, em especial, suas publicações na área do cordel. Aí aparecem obras como "A herança do sultão, ou os três anéis da discórdia", "A rebelião das Letras", "A lenda do Boto", "A peleja do poeta erudito com o poeta popular" e "A verdadeira História de Ismália".

É, no entanto, com esse cordel "A saga de Franz", que Gadelha do Cordel cristaliza seu amadurecimento poético. Funcionário da Universidade de Fortaleza, onde também cursa graduação em Letras, Guethner Gadelha Wirtzbiki é um exemplo para seus colegas estudantes universitários que se envolvem em demasia com as teorias ministradas pelos professores, mas esquecem muitas vezes de buscar em si próprios a fonte onde os saberes também podem brotar de forma bem mais prática.

## A música das veredas roseanas

O livro Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, é tão rico de subjetividades que não se esgota como manancial onde vão se abeberar estudiosos que o vasculham pelos mais diversos ângulos. Uma das últimas investidas no rio baldo das suas significações fica por conta da criteriosa pesquisa que serviu de tese de doutoramento da professora Gabriela Reinaldo, docente do curso de Publicidade, da Universidade de Fortaleza. Tanto chamou a atenção o seu trabalho, que diante dos reclamos de quem o conhece, terminou a pesquisadora por publicá-lo sob o título: "uma cantiga de se fechar os olhos..." mito e música em Guimarães Rosa.

A editora é a Annablume, o ano é 2005. São 242 páginas de andanças pela musicalidade roseana captada pelo autor nos sertões das gerais. Quando as palavras são panos poucos para cobrir tantos abismos com que o escritor se depara, o que não pode ser dito é sugerido. Uma das formas da sugestão é a musicalidade, o ritmo, a metáfora do som do que se bole. O importante para captar essas vozes, inclusive a do silêncio, é seguir as veredas com que o autor nos indica o sertão. O mundo musical de Rosa não só soa, como ecoa e reverbera. A ancestralidade grita nos rastros que deixou e pontifica em caminhos que para serem rastreados exigem ouvidos aguçados. Esse livro afina os ouvidos do leitor farejador e abre as cancelas das veredas.

Rosa elaborou um idioma marcado pela musicalidade que passou incólume pelo grifo de muitos estudiosos de seus escritos, mas que, feito balseiro grande em riacho estreito, apeou-se diante do olhar perscrutador de Gabriela Reinaldo. Para burilar sua leitura, a autora alicerçou-se numa pletora teórica que começa pelos gregos

e deságua em Câmara Cascudo. Também não se restringiu ao monumento que é Grande Sertão: Veredas. Auscultou a pulsação rítmica de Sagarana, Primeiras Estórias e Noites do Sertão. Da mesma forma não ficou apenas nos cantos dos vaqueiros, dos aboiadores, dos cantadores e dos poetas populares. Foi pesquisar e sentir a melodia da mata que evola dos confins das gerais principalmente dos bichos e dos pássaros e que o escritor mineiro não esqueceu de embutir na sua escritura.

A partir do canto da fauna e da flora, foi fácil chegar aos cantos também das coisas. Afinal, numa verdadeira transfiguração do que é inanimado, Guimarães Rosa consegue extrair vida e música desses entes sensíveis. Por aí é que a autora chega até a Cordisburgo, viajando sob a guia das possibilidades de relacionar música, esquecimento e memória. É essa música subjacente, detectada por Gabriela, e a intensidade existente entre o dizer e o cantar que tornam o livro um manancial de achados musicais em Guimarães Rosa. Até o não dito consegue um ritmo, fazendo do silêncio, algo marcado pela eloquência. Que beleza na canção de Siruiz ou na musiquinha nostálgica de Miguilim, ou ainda no canto de Laudelim Pulgaré. Tudo é sintonia e sinfonia.

Até a morte, em Guimarães Rosa, é algo que canta. A morte de Diadorim é uma ópera de ritmo elegíaco, um ritual de passagem raro na nossa literatura. Para a pesquisadora, que encara conhecimento como poder de decifração, não foi difícil captar a pungência desses momentos musicais da relação Riobaldo-Diadorim. Cantar a dor é uma forma de amenizá-la e Riobaldo, da mesma forma que conta, também canta para dar sentido ao existir, para dar sentido à sua fala.

O próprio nome de Diadorim já traz a dor encravada no seu íntimo. E quando ele ecoa em Riobaldo é um rio baldo, baldeado de tal forma que não é fácil se detectar o que lhe vem logo após a superfície. Diadorim é a dor do diabo em mim.

Essa subjetividade com suas camadas verticais de significados só pode ser decifrada com mergulho de longo fôlego. Daí ser necessário fechar os olhos como forma de entrar em deriva e deixar-se levar pela correnteza como uma arca que só sabe como partir, mas não sabe como chegar. Essa construção sobre



coisas animadas provoca uma sinfonia na escritura de Guimarães Rosa que só ouvidos aguçados e olhos fechados são capazes do desvendamento. Não se deve esquecer que o olho aberto é o mais apolíneo dos sentidos. Ele clareia tanto as reentrâncias da literariedade que a subjetividade se espanta e vai procurar guarida em outros sentidos.

Desses sentidos é a audição o que mais atua. E daí é preciso fechar os olhos para aguçar as oiças. Ouvir o som da ancestralidade, porque tudo em Rosa é memória. Uma memória ritualística é reminiscente e traz a música dos cafundós das gerações. O personagem que tem poder de voz se arma do ritmo do passado para se proteger da icógnita do futuro. O presente é uma preparação com antigas armas para futuras batalhas. Dessas armas em Rosa, é a música proteção que abre as portas para o devir. A fonte da melodia está nos desvios da linguagem, nos vazios do discurso.

Fernando Segolin, em análise na contracapa do livro, fala de uma "totalidade atenta e sensual dos ouvidos". Aí começa a sua defesa da leitura de Rosa através da audição. Os olhos não contam tanto, eles clareiam, quando acontece, ao contrário, que precisamos mesmo é de fechá-los para vermos mais. A voz do verbo roseano é capaz de verberar muito mais forte quando os olhos do leitor se fecham e o turbilhão da subjetividade o traga. Assim, pode-se dizer que Gabriela Reinaldo não está no livro para esclarecer, mas muito mais para sugerir sinfonias latentes no caminhar dos viventes de Minas.

Ler esse livro de Gabriela Reinaldo é constatar que o fazer literário não é apenas do escritor, mas também do leitor. É possível ao leitor de Rosa descobrir um mar em Minas e um oásis no desértico Raso da Catarina. No vasto mundo da subjetividade, os sons se entrelaçam e no momento da sua decifração é possível constatar que as águas do Velho Chico são feitos marítimos, tentáculos oceânicos que vão auscultar nos cafundós das Gerais a pulsação de uma mitologia que mesmo incorpórea lateja nos nossos tímpanos.

# Cultura, Memória, Patrimônio e Lugar

O sentido dessas palavras guarda uma capilaridade na estrutura profunda tão evidente que fica difícil alinhá-las em frases sem que se caia no vício da redundância. Cultura e memória são irmãs siamesas a ponto de Alfredo Bosi gastar dezenas de páginas do seu Dialética da Colonização para deslindar tantos fios semânticos que unem esses termos. Patrimônio e lugar são também dois irmãos briguentos que parecem esquecer o DNA similar que transita nas suas entranhas significadas.

É exatamente sobre as fissuras que se formam na representatividade dessas nominações, que encontramos a principal porta aberta para adentrarmos nessa coletânea de ensaios intitulada de Patrimônio Cultural: da Memória ao sentido do Lugar. Publicada pela Editora Roca, a partir da organização do Dr. Clerton Martins, essa coletânea traz trabalhos que defendem o turismo inclusivo e social, fundado na sustentabilidade, na responsabilidade ética e nos mecanismos de segurança. É um alerta à indústria cultural que nesse setor da vida preocupa-se mais com a quantidade dos itens de que dispõe e oferece do que com a qualidade dos bens que apregoa possuir.

O prefácio é de Yolanda Flores e Silva que faz uma leitura panorâmica dos textos veiculados, mergulhando de forma acurada naqueles que lhe proporcionam mais profundidade. E aí vão surgindo questionamentos em torno da sustentabilidade, dos patrimônios naturais e culturais e do direito que possui o cidadão, de ter acesso aos bens da cultura.

Todo patrimônio cultural leva anos para ser edificado para, muitas vezes, ser vilipendiado de inopino pelas espertezas de especuladores. É a partir daí que muitos povos perdem sua identidade cultural, não querendo dizer que percam suas fontes.



Portanto, é importante a garimpagem desses saberes que subjazem na epiderme da constituição social.

Baseados da transdisciplinaridade, os intelectuais que assinam os textos transitam por saberes, fazeres e caminhos que confluem para uma fonte comum: a capacidade dos seres humanos de apreender conhecimentos. E aí uma primeira pergunta se apresenta: o que o povo pensa ser um patrimônio? Então nos deparamos com a conclusão de que o patrimônio cultural imaterial torna-se mais respeitado que o material, vítima da banalização com que é tratado. Isso leva às principais feridas que acometem o universo do turismo, tendo em vista que um patrimônio é tão ligado ao outro que os dois se necessitam para se sustentarem. Diante desse enfraquecimento, a indústria cultural chega a inventar rituais e dramas alienígenas, ou a estilizar manifestações locais para colorir o olhar do turista.

Por isso é que a professora Yolanda Flores e Silva afirma que: "quando o turismo não sabe usar seus conhecimentos de sustentabilidade, ele se torna gestor e, ao mesmo tempo, vítima, pelo mau uso do espaço, mau uso do poder, principalmente os relacionados com os poderes econômicos, capazes de transformar nosso patrimônio em uma mercadoria que somente terá valor em função do dinheiro que puder obter com sua exposição a um público exigente".

Diante de tudo isso, não se pode perder de vista o que cada autor escreveu no seu texto. No entanto, esse detalhamento demandaria espaço e tempo demasiados para a análise. Daí ser importante primeiramente verificar as intersecções de pontos de vista. E quando todos em algum momento visualizam lembranças e expectativas em torno dessa problemática, encontramos terreno fértil para começarmos nosso rastreamento. Por considerar um tanto romântico, esse é um caminho que a academia evita trilhar. Mas ao querermos ingressar numa construção, qualquer caminho é válido, desde que dê acesso ao principal nervo que se possa expor, da constituição textual. O que nos interessa é atingir o foco central da significação.

Primeiramente, é a partir de reconstruções de patrimônios culturais recolhidos dos caritós do ostracismo que vimos surgir um

veio comum entre o que nos apresentam Daniel Pinheiro e Maria Aneisilany Gomes sobre uma Jaguaribara submersa pelas águas, em confronto com uma Guassussê ressurgida na memória da sua eminente moradora Erotilde Honório Silva. São duas pescarias que se semelham. Uma vasculha as águas do Castanhão, a outra mergulha nas águas da memória.

Se seguirmos nessa vereda, vamos encontrar um Recife velho recomposto, recapado e preservado na letra de Iranilson Buriti de Oliveira. Da mesma forma, José Solon Sales e Silva produz um tecido com os retalhos recolhidos do que apresenta o multifacetado cenário funéreo e histórico desenhado na superfície do cemitério São João Batista, de Fortaleza. Essa visita de cova nos liga também ao trabalho de Clerton Martins com Liliana Leite em torno da religiosidade que eclode das romarias.

O segundo caminho a se seguir para o desvendamento de relações intertextuais é o que nos leva sem muitas curvas, nem cancelas, nem mataburros a esse aluvião pouco devassado entre os cearenses que é o questionamento sobre a epiderme do nosso turismo. O primeiro arranchamento que encontramos, é o texto de Adriane Hortêncio sobre o artesão cearense posto num lugar turistificado. Essa alça do andor é segurada na outra ponta por Lina de Gil quando aborda a situação da cerâmica na arte cearense. É bom saber que produtos desse artesanato estão a nossa disposição em alguns museus do Estado e que Eduardo Lúcio Guilherme Amaral, no seu artigo, mostra-nos as funções educativa e libertadora que os mesmos podem oferecer.

Não se pode, no entanto, ter uma prática educativa eficiente em torno desse patrimônio sem se passar pelo crivo do entendimento do lugar turístico, e é por isso que se torna fundamental a leitura dos textos de Luzia Neide Coriolano e de novo Clerton Martins no seu segundo ensaio. Esses questionamentos servem de alerta para a não banalização do nosso patrimônio cultural e suas conseqüências perversas sobre a vida da cidade como mostra Henrique Figueiredo Carneiro, acompanhado de perto pelas interfaces entre campos do saber e práticas sociais sugeridas por Gleudson Passos. A coletânea não ficaria completa se faltasse o trabalho de Luciano



Lima Rodrigues em torno do "Conceito de patrimônio cultural no Brasil: do Conde de Galvéias à Constituição Federal de 1988".

Como vimos, é possível, no tratamento de um mesmo tema, depararmos-nos com visões as mais variadas, mas com seus pontos comuns em evidência. Neste caso, juristas, sociológos, historiadores, psicanalistas, geógrafos, pedagogos, desvendando peles e sobre-peles do nosso universo turístico, entrelaçam seus conceitos e suas abordagens para termos um livro instigante que não dá soluções definitivas, mas que mostra os caminhos para que essas soluções sejam alcançadas. Essa é a função do intelectual.

## Leitura e transformação

O prazer de ensinar provém de uma aprendizagem prazerosa. Aquele que só teve alegrias no momento da aquisição de saberes, conseqüentemente, transmitirá essa alegria ao longo da vida, principalmente quando se envolver no processo ensino-aprendizagem. Uma das formas de se conseguir um aprendizado mais fácil é através do gosto pela leitura. O prazer do texto vai da leitura à escritura. São dois fenômenos indissociáveis. É exatamente buscando os melhores ingredientes do texto que o professor Francisco Silva Cavalcante Júnior vem conseguindo impressionantes transformações nos seus discípulos no Mestrado em Psicologia, da UNIFOR.

O resultado desse trabalho ele agora apresenta em forma de coletânea de ensaios que organizou entre os seus companheiros de pesquisa e que titulou de **Ler – caminhos de transformação**: Edições Demócrito Rocha, 2005, com 214 páginas. Ganhadora do Prêmio Limita de 2005 de fomento à leitura, a coletânea apresenta 10 textos de professores e alunos, todos retratando a experiência "de pessoas que experimentaram em si mesmas, a descoberta de processos múltiplos e estéticos para a leitura e autoria da palavra-mundo". O Prefácio é da professora doutora Ana Maria Iório Dias, ex-docente da Unifor, tendo sido professora do organizador, e hoje Pró-Reitora na Universidade Federal do Ceará. No texto, a prefaciadora exalta as qualidades do professor Cavalcante no seu desempenho no magistério e principalmente nas suas habilidades em letramentos.

Seguindo a ordem de aparecimento dos textos no livro, primeiro surge o professor Cavalcante Júnior, temperando o ato de ler com especiarias extraídas do coração. Esse ritual começa com a leitura, passa pela escrita, chegando à recriação. Seu texto, apesar do acabamento científico que recebe, é um ensaio saboroso para a leitura, pois vez por outra sai da aridez racional e envereda pelo mundo da criação e do afeto à arte de ensinar.

Em seguida, vem o texto de André Feitosa, algo de místico, de ritualístico, com notas de Rubem Alves e Renato Janine Ribeiro para justificar que o primeiro momento de um banquete é a fome. É a fome que dimensiona o ágape. É a fome de leitura que leva ao prazer do texto. O professor precisa despertar no aluno essa fome de texto. É preciso esfomeá-lo, passando para seu olfato lectural os odores das iguarias textuais.

Conseqüência desse ato de ler com prazer, escrever com firmeza e recriar a vida, é a mutação que se efetiva na pessoa. A partir daí é que envereda o texto de João de Arruda Câmara Rodrigues quando se pasma com sua própria performance diante da facilidade com que passa a escrever após a prática do treinamento orientado pelo professor Cavalcante Junior. É tão positivo o processo de crescimento desse autor que no seu texto há momentos em que ele se narcisa diante do tanto que consegue.

Esse mesmo alumbramento sente a professora doutora Sylvia Cavalcante quando apresenta os resultados do método cavalcanteano adequado à sua disciplina de Psicologia Ambiental. Professora do Mestrado em Psicologia, a doutora Sylvia leciona na graduação de Arquitetura, a Psicologia Ambiental, além de desenvolver pesquisa nessa área. Assim ela consegue imprimir no desenvolvimento dessa disciplina algo de poético e de harmônico que deve prevalecer entre o homem e seu habitat. Ao final é importante a conclusão da autora ao se considerar uma aprendente tanto quanto seus alunos e que a sala de aula é troca, confiança e criatividade.

Essa transformação da professora Sylvia em aprendente nos remete ao texto de Maria Soares de Araújo, "A leitura na transformação do ledor". Muito bem fundamentado, esse ensaio deriva de sua transformação como leitora da narrativa de Adélia Prado ao preenchimento de seu horizonte de expectativas sem perder de vista as teorias da Estética da Recepção, principalmente os estudos de Iser e Jauss nessa área. A Estética da Recepção centra-se no leitor, na sua evolução. É como demonstra também o texto

de Lucilene Cavalcante de Paula, intitulado: "De casulo a borboleta: alçando vôo e partilhando experiências". Ali ela estabelece sua trajetória de vida paralela à crescente aquisição de saberes. Mistura memorialismo e ensaística e coroa tudo com a criação literária de poemas líricos. É um texto saboroso e corajoso.

Sem perder essa linha de raciocínio, Helenita Mota com seu texto "Um método na minha vida", mesmo sem apresentar bibliografia, único caso da coletânea, faz um relato de sua evolução por vários caminhos para a aquisição de linguagens. É o texto que sem intencionalidade mais demonstra a necessidade da transdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem. Esse é o mesmo caso do ensaio de número oito que se intitula "Criatividade e trans-form-ações em círculos de Letramentos distintos e semelhantes" e é de autoria de Márcio Silva Gondim. Esse trabalho nos remete à transdiciplinaridade, afinal o entrelaçamento de saberes e a abundância de métodos nos levam a uma aprendizagem facilitada.

Kátia Verônica Coutinho D'Aguiar é quem assina "O coração solidário da escrita: A vida não tem fim quando adentra as asas da linguagem". Psicóloga formada pela Unifor, onde também cursou o Mestrado, hoje é professora da UECE. Nesse trabalho, a autora consegue impressionar pela sua técnica de elaboração ensaística, aproximando sua escritura de um resultado metatextual quando questiona e avalia o próprio processo de criação.

O décimo trabalho é "Ler interpretando o mundo: o reencontro com a autoria em uma experiência com o teatro popular", do Dr. José Clerton de Oliveira Martins. É nesse momento em que, ao estabelecer parceria com um grupo de jovens excluídos, o Professor se empenha no seu esforço pela inclusão social, tema do recente evento Mundo Unifor. É o trabalho cuja temática mais se adapta ao momento em que vivemos.

Em seguida, o professor Cavalcante Júnior, juntamente com André Feitosa, mostram a forma como a Psicologia Budista pode se concretizar como forma profícua para a aprendizagem. E diante dos impasses que as criaturas sofrem nesta contemporaneidade o que nos leva a constantes mutações, os autores sugerem construir-se uma nova humanidade desses seres mutantes.



Finalmente, após a leitura dos textos, constata-se uma certa capilaridade semântica entre todos, deixando-nos bem claro que o processo ensino-aprendizagem precisa ser temperado com afeto. É essa afetividade que leva a uma efetividade. Por isso que tem sucesso o método do professor Cavalcante Júnior. Afinal seu processo de ensino soergue-se sobre alicerces de afeto, de sabor, de saber e de sabedoria.

## Gênero e comunicação radiofônica

A Rádio Verdes Mares AM possui dois programas que são líderes de audiência nos seus respectivos horários, há mais de dez anos, em toda a nossa região. Trata-se dos programas "João Inácio Júnior", à tarde, e "Nas garras da patrulha", ao meio dia. O primeiro é um programa radiofônico de variedades: fofocas, notícias policiais, correio sentimental, fatos inusitados do cotidiano e até um momento de auto-ajuda. O segundo é eminentemente forjado em cima de fatos policiais, reais ou fictícios, tratados com bastante humor. Tão grande é o sucesso de audiência desses dois momentos do rádio cearense, que o resultado foi o surgimento de uma tese de doutorado já defendida pela Professora Maria Inês Detsi de Andrade Santos e agora transformada em livro.

O livro, editado em 176 páginas, pela editora Annablume, de São Paulo, neste 2004, traz como título: **Gênero e Comunicação – o masculino e o feminino em programas populares de rádio**. Em sua análise, a Professora Inês, docente de Sociologia, na Universidade de Fortaleza, aborda representações de gênero em questões relacionadas à sexualidade, papéis e identidades, manifestadas naqueles dois programas. Assim é que, desse confronto entre ficção e realidade, vão aparecendo representações de gênero tão profundas, que só o olhar percuciente da pesquisadora é capaz de uma prospecção abalizada nesse universo popular. Isso faz com que a leitura da obra se torne agradável para o leitor comum, porque ele se depara, como o próprio ouvinte, com dois caminhos a tomar: a análise do real ou o mergulho no mundo da fantasia e das ambigüidades.

Não perdendo de vista o tônus científico da proposta inicial da obra, é incrível a constatação de que o tratamento racional da questão abre fendas na construção textual, por onde



o leitor pode adentrar uma estrutura profunda, passiva, de um tratamento metafórico, porquanto até literário. Não que a autora tenha enveredado por esses caminhos, mas o tema abordado, e principalmente a latência subjetiva do objeto da análise, no caso o rádio, leva-nos a essa tendência de mergulho. É por isso que o rádio se mantém vivo, mesmo com a televisão, o DVD, o cinema, a Internet. O som da voz, somente ele, é capaz desse milagre, pois é a partir dele que a fenomenologia do ato de imaginar nos leva a mundos que imagens reais não conseguem vislumbrar.

É por isso que o campo da comunicação não é apenas uma arena onde os grupos sociais se digladiam. Ele é também uma messe onde a neblina da imaginação faz brotar mundos e paisagens viridentes. Por isso que o universo que envolve a comunicação midiática é complexo. Foi, pois, a partir dessa constatação, que a Professora Inês Detsi, procurando identificar as diversas vozes que se fazem presentes nesses programas, na busca das suas ligações com o universo sociocultural, terminou por descobrir uma pletora de possibilidades outras de rastreamento analítico. Esses dois programas, recheados de feições dicotômicas, derivam do sério ao burlesco, do dramático ao cômico, do falso ao verdadeiro, do ilusório ao real, do deboche à auto-ajuda, do masculino ao feminino. Essa diversificação é multifacetada, como a legião de seus ouvintes, e isso enriquece o objeto da pesquisa.

Assim, pode-se concluir que, ao rastrear aproximações ou similitudes entre esses pólos da prospecção, Inês Detsi não se apresenta apenas como cientista social, leitora de realidades, ela também anima o texto, decorando o ambiente lingüístico com recursos de um discurso moderador entre o eminentemente racional e a tentação constante de enveredar pelo alegórico, dado o enfeitiçamento do tema. Essa mediação é que mostra a autora vocacionada para a humanidade, ou seja, Inês Detsi comprova que é realmente uma humanista.

## Folclore e antropologia

Os estudos formais em torno do folclore só se cristalizaram na segunda metade do século XX. Foi a partir daí então que se verificou que para esses estudos era imprescindível o respaldo da antropologia. Verificou-se também a aplicabilidade desses estudos para se fazer uma ponte interligadora do folclore com o turismo. Assim, os estudos universitários ligando folclore, antropologia e turismo se tornaram necessários diante dessa indústria crescente que preenche o ócio entre os povos. Tudo isso se justifica diante da definição do Professor Roberto Benjamin do que seja Folclore: "conjunto das criações culturais de uma comunidade com base nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativas de sua identidade social".

O termo "folclore" com a grafia que hoje se apresenta, passou a ser grafado a partir de 1875. Antes apresentava-se como uma expressão designativa da ciência das tradições, dos usos e da arte popular de uma região. Assim podia ser chamado de "populário", "demologia", "antiguidades populares", que o latim clássico chamava de "popular antiquities" e o latim moderno incorporou como "antiquitates vulgares".

Foi entretanto a partir do entendimento do conceito do Professor Roberto Benjamin que o Professor do Mestrado em Psicologia da Unifor, Doutor Clerton Martins, organizou uma coletânea de ensaios sobre o tema, que recebeu o título de **Antropologia das Coisas do Povo.** Editado pela Editora Roca, neste 2004, o livro, em 199 páginas, apresenta um elenco de uma dezena de pesquisadores que vasculharam saberes das coisas do povo, transformando-os em textos saborosos para a leitura, e fonte de pesquisas para quem quiser alçar vôos mais longos ou



mergulhos mais profundos no mar de conhecimentos da sabedoria popular.

Esse livro traz múltiplos olhares sobre as manifestações populares tão presentes no dia-a-dia do povo brincante. Daí que conhecer um povo é conhecer também suas festas populares. Mas não é apenas o lúdico a ser visitado, há o sincretismo e então a papiragem desses estudiosos vai do ritual do pau da bandeira, na festa de Santo Antônio em Barbalha, passando pelo lamuriar das carpideiras com suas inselências, até chegar ao cordel. Não há dúvida de que é profunda a ligação do nosso cordel com o sincretismo religioso. Daí que o maior centro de cordel do Ceará é Juazeiro do Norte que é muito mais Juazeiro do Padre Cícero do que do Norte. Atrás do cordel vai a xilogravura e também a influência que essa literatura popular exerce sobre todos os poetas brasileiros. Difícil encontrar um poeta brasileiro em cujos versos não circule o plasma rítmico do cantador popular.

Nessa coletânea, comandada pelo professor Clerton, colaboraram Henrique Rocha, com suas reflexões sobre Folclore, Cultura Popular e Tradição; Greilson José de Lima, com sua leitura sobre os artesãos do Sítio Riacho Fundo e Daniel Pinheiro, secundado por Edwilson Soares, dissecando os ingredientes populares da Festa de Nossa Senhora da Bica. Mais adiante despontam Ana Cecília Araújo, Geórgia Feitosa e Janaína Lisboa, que em equipe, foram buscar nas carpideiras e cantadeiras de inselências, o canto das almas, da morte assistida, ou morte convivida, no dizer de Philipe Arrié, que ainda é encontrada no interior do Ceará. Finalmente, aparece Carlos Velázquez com seu estudo sobre a Quadrilha Junina, John Rex Amuzu apresentando os ingredientes da Poesia Satírica e os prognósticos sobre o futuro do cordel diante da cibernética, e Laércio Queiroz lançando luzes sobre a Representação da Infância e da Poesia Engajada nas vozes das Artesãs Mnemônicas.

Assim, o painel fica completo e o leitor satisfeito com o passeio executado não só sobre a superfície dessa realidade quase que olvidada, mas também fica inebriado com o mergulho que executa ao adentrar textos tão instigantes em torno de saberes tão saborosos.

# O encanto das cidades e o vasto país do coração

Há duas formas literárias de se viajar: uma real e objetiva na horizontalidade do relevo das nações e outra subjetiva e irracional na verticalidade do vasto país no coração. Difícil encontrar as duas de mãos dadas na mesma obra, mas não tão difícil quando se trata de dois livros diferentes, de duas autoras não tão diferentes, tendo em vista serem mãe e filha. Conceição Moreira é a mãe, Virgínia Moreira é a filha. Ambas empreenderam viagens absolutamente díspares. A mãe optou pela superfície de noventa e nove países, extasiando-se com as cidades; a filha escolheu apenas um: o vasto país do coração.

Virginia Moreira, em seu livro de poemas, **Mulher feita de azul**, mergulha de ponta no seu mundo pessoal, despreocupada da superfície que teve de suplantar. Faz uma poesia de profundidade. Sua busca é em direção às pérolas que se põem no fundo mais fundo das profundezas. Também pudera, pós-doutora em Psicologia, sua atuação tem sido em busca do lado mais escondido da mente das pessoas. O local mais sombrio da mente é onde ela vasculha os ingredientes ou experimentos de seus estudos. Isso nos outros e em si própria. Esse seu livro é pois uma catarse já que ele traz à tona aquelas pérolas adormercidas nas profundidades.

Conceição Moreira, a partir de sua primeira viagem, em 1950, à Europa, começou a fazer anotações de viagem, detalhes curiosos que apetecem seu gosto particular, acrescidos de dados históricos, geográficos, religiosos, econômicos e culturais. É uma leitura de cada local visitado. Os costumes e a culinária apresentam curiosidades que prendem o leitor, fazendo-o também viajar pelas mais curiosas paragens. Quanto à autora, no momento em que escreve sobre suas viagens, ela retorna a cada local numa revisita.



Esse é o livro do retorno. É a reconstrução de um itinerário que já foi feito e que precisa ser refeito. Só que desta vez a turista Conceição leva consigo todos os seus leitores.

As duas autoras procuraram prefaciadores bem apropriados para os seus escritos. Virginia, para seu livro de poemas, encomendou prefácio a Fausto Nilo. O compositor e poeta considera-se, como crítico, na acepção de Roland Barthes, um "voyeur", por sentir o prazer da leitura já sobreposto ao prazer do texto. Sugere uma fruição no seu ato lectural.

O prefácio do livro de viagens, de Conceição Moreira, ficou a cargo do também viajante Dário Moreira de Castro Alves. Embaixador aposentado, também trafegou pelos mais distantes países. Agora barranqueiro na loura desposada do sol, faz do prefácio do livro de Conceição uma viagem pelos clássicos momentos da literatura que trataram de tão instigante assunto.

No seu prefácio, Dário de Castro Alves nomeia os grandes viajantes e suas obras de relatos. Começa pela **Odisséia**, de Homero, quando Ulisses empreende sua viagem de volta à sua Ítaca natal e à sua Penélope querida. Referencial da clássica literatura, qual a grande arte que não é uma odisséia? Na vida estamos sempre indo ou vindo. Quando não estamos numa **Ilíada**, empreendemos uma **Odisséia.** Foi assim que agiu Marco Polo, Pero Vaz de Caminha, Júlio Verne, Fernão Mendes Pinto, Gabriel Soares de Sousa, João Guimarães Rosa, Viana Moog e aqui no Ceará, Adolfo Caminha, Jáder de Carvalho, Emília de Freitas, Osmundo Pontes e agora Conceição Moreira.

Mas como seria uma viagem ao vasto país do coração? Para esse percurso, só mergulhando na escritura de Virginia Moreira. Feita de azul, essa mulher imprime a subjetividade dessa cor no seu percurso, mesma cor do mar, mesma cor do céu, rastrear seu texto é insuficiente, já que sua escritura é um convite à prospecção em busca de sua intimidade, de sua infinitude. Poemas amorosos, reveladores alguns, são portas que vão se abrindo e uma a uma de forma interminável em um labirinto em que a autora vai deixando indícios, sinais, pistas para um desvendamento que se não ocorre no nível textual, impregna a mente do leitor de suas infinitas possibilidades.

O que há de comum entre o encanto das cidades e o país do coração? Só o viajor percusciente pode perscrutar que as cidades são feitos de linguagem, mas que suas belezas são feitos do coração. E que o poema é um monumento púbere erguido no meio de uma selva de signos prontos para serem fertilizados pela poética do leitor. O Taj-Mahal é um poema de mármore feito para uma mulher amada. E uma mulher se veste com os signos do azul quando se quer, com seus olhos de feitiço, enfeitiçar seus leitores nas ondas dos seus mistérios. Uma **Mulher feita de azul** é uma viagem ao vasto país da sugerência, mas a descoberta dos mistérios das cidades é também um mergulho em busca de respostas sobre essa fome de se representar que é inerente ao ser humano.

Virginia Moreira, no seu livro de poemas, busca o significado de uma experiência vivida. Conceição Moreira busca o significante também de uma experiência vivida, ou seja, enquanto a mãe trabalha a estrutura de superfície, a filha trata da estrutura profunda. Enquanto uma trafega, a outra mergulha. Enquanto a primeira é sintagmática, a segunda é paradigmática. São movimentos em direções diferentes, mas que em algum momento se cruzam. Para o professor Cavalcante Junior, "Virginia desenvolve uma escrita terapêutica ao transformar em poesia as dores de amor".

Essa transformação tem servido de catarse para muito escritor. No caso de Virginia, o diferencial fica por conta do seu desnudar-se através da escrita. Ao revelar o nervo exposto da sua dor, ela se abre em portas para o leitor de chegada, e como é bom encontrarmos portas abertas quando queremos abrigo.

Já Conceição Moreira, no seu livro de viagens, abre as portas das cidades a nossas visitas e à sua revisita. Ao ler seus textos, estive com ela no Nepal, embriaguei-me dos mistérios do Tibete, vislumbrando o cimo do Evereste, perfurando orgulhoso as primeiras capas azuladas do céu dos anjos e dos santos da minha infância de fantasias. Os rituais da China, da Índia, os pagodes, os palácios, os monges, as sinagogas, o misticismo indiano, o fanatismo árabe, tudo é servido em terrinas de ternura e pratos de bem dizer. Conceição Moreira gosta de plantar cidades nos recantos ainda selvagens da nossa mente.



Assim, temos dois livros que, mesmo nas suas diferenças, mantêm um cordão umbilical que não deixa nunca de ligar mãe e filha. Há nos subterrâneos desses dois textos um DNA comum que comprova que os corações das duas se ligam. Daí que sua leitura é também um **Viajar** através de uma **Mulher feita de azul** para então se descobrir o encanto das cidades no vasto, vastíssimo país do coração.

# O murilíssimo Pedro Bezerra

O livro de poemas **Trilhas de sonhos**, de Pedro de Araújo Bezerra, traz uma epígrafe de Murilo Mendes. Essa epígrafe sinaliza para o que lhe vem após, nas 78 páginas poéticas editadas pela Expressão Gráfica, neste 2003. É uma coletânea de versos intimistas.

Murilíssimo, Pedro Bezerra se instaura na estrutura mais profunda do texto. É a poesia do significado. Pouco ligando para o plano da expressão, ele se enclausura na zona silenciosa da escritura e de lá expressa de forma lírica um pessimismo catártico que aflora à superfície sem a preocupação formal da ourivesaria parnasiana.

As dores do mundo são a matéria prima desse poeta. E são dores encravadas nos costados de sua alma de menino caririense. Criado às margens do Salgadinho e do verde mar dos canaviais, o poeta transpôs para o mar de Fortaleza aquela imagem que as retinas captaram um dia e guardaram na memória. Entretanto, o difícil é encontrar um poema de Pedro de Araújo Bezerra em que o mar não se aconchegue. Ele aparece como pano de fundo para a ponte metálica e seus argonautas, é um vendaval a navegar as horas, possui águas densas, cresce e se torna oceano, pontilha-se de portos, de onde o poeta alça-se para o mergulho no mistério. Desse promontório invisível ele ausculta o bramido das vagas e soluça com elas na dor do efêmero do existir. Aí, as ondas são vagas, as lágrimas são rios e os mares, oceanos.

Pedro de Araújo Bezerra é um poeta misterioso por não revelar tudo o que tenta não dizer, mas sugerir. Poeta da sugestão, precisa-se ler e reler suas obras para chegarmos à porta de entrada de seu mistério. Paradoxalmente à presença da água e suas metáforas líquidas aparece a pedra. A pedridade atua nos



poucos momentos em que o poeta opera no nível da estrutura de superfície. O primeiro signo é logo o nome do poeta: Pedro, petrus, petra, pedra. Depois a racionalidade do magistrado que sentencia baseado na prova dos autos. Dr. Pedro Bezerra, no momento, é Juiz de Direito da cidade de Cedro.

No nível do texto, essa pedra vem com o cabalístico número três, no poema "Três pedras". Apesar de lírico, o poeta apresenta essa pedra no plano da expressão, como obstáculo para a felicidade na imprevisível estrada da vida. Uma dessas pedras no caminho do poeta responde pelo enfrentamento da idade com que ele se depara no dia-a-dia, principalmente quando sentiu-se aos quarenta anos. Há um arrepio do poeta diante do tempo corrosivo que não se cansa de maltratar o relevo corporal do criador. Também o tempo, ligado à memória, é um caminho que o poeta transita para voltar à mãe. O ladrar dos cães e o som do realejo na madrugada quarentona transportam fenomenologicamente o poeta ao aconchego maternal da infância.

Da poesia de Pedro de Araújo Bezerra, escorre a ternura de quem sente aos poucos o romper-se do cordão umbilical que nos liga à mãe, à terra, à adolescência e ao despertar do primeiro amor. Para suportar a angústia provocada por esse dilacerar-se, só mesmo apelando para a memória como forma de construir **Trilhas de sonhos** onde caminhar é preciso, para viver muito muito mais.

## Révia Herculano e o Brasil das araras

Um bom livro se constrói a partir da capa. A capa é o portal de entrada para o misterioso mundo da literatura. Foi com essa preocupação que Révia Herculano convocou o capista Antônio Souza Mariano para chancelar o ingresso do leitor no seu **O Silêncio das Araras: Romanceiro do Brasil,** editado em 99 páginas pela Editora UFC, neste 2004.

Com observações elogiosas de Artur Eduardo Benevides e Pedro Henrique Saraiva Leão, é, no entanto, no prefácio de Sânzio de Azevedo em que se delineia o perfil da escritura dessa nobre escritora. Professor Sânzio traça um roteiro dos principais romanceiros da Literatura em Língua Portuguesa, começando desde o Romanceiro Geral, de 1600, passando pelos de: Almeida Garrett, Teófilo Braga, Cecília Meireles, Jamil Almansur Haddad, Stella Leonardos, Jesus Barros Boquadi e Gastão Neves, até chegar a este romanceiro da lavra de Révia Lima Herculano, aqui do Ceará. É evidente que antes dela há o **Romanceiro de Bárbara**, de Caetano Ximenes de Aragão, que traça a saga da heroína cearense Bárbara de Alencar, presa no Cariri e transportada para Fortaleza lá pelos tempos da Confederação do Equador.

O livro de Révia faz também o percurso histórico do Brasil desde seu descobrimento aos nossos dias. Lembra-nos, seu Romanceiro, a obra **As aventuras de Tibicuera**, do genial Érico Veríssimo, que mesmo escrito em prosa, tem todo o pano de fundo propício para o germinação de um canto geral da pátria, feito para o público juvenil.

Révia Herculano, no entanto, impressiona por utilizar todo o aparato do romanceiro e através de uma linguagem simples, armar uma ponte poética entre o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Essa visão diacrônica de nossa história, enfatizando o Brasil de hoje, dá-



lhe um ar pós-moderno tendo em vista que tradição e modernidade se imbricam na sua criação, numa convivência hormoniosa e frutífera. Daí que seu romanceiro, com feições de prosopopéia, personifica o Brasil com o nome de Luzia, sendo esta assediada pelo colonizador Dom Fernão. Desse contato brotou esta nação, as raças se misturaram e a brasilidade amadureceu. O Padre José, simbolizando os jesuítas, é o mediador na tensão que se estabelece entre o colonizador invasor e a mãe pátria devassada.

Todo esse arcabouço temático, sobre o qual se debruçou a autora, vem agasalhado numa estrutura formal que não fica a dever aos grandes e clássicos romanceiros. É tanto que apoíada no redondilho maior, a autora imprime uma musicalidade tão acentuada ao verso, que fácil se torna imprimir-lhe uma melodia para transformar-lhe em canção.

Outro detalhe que chama a atenção na obra é o agradecimento. Esse momento geralmente pouco interesse desperta no leitor. No caso desse romanceiro, antes de ingressarmos na sua tessitura poética, já nos deparamos com o belo poema em que se configura esse agradecimento:

"A Rúver, água da chuva que me fez ouvir a fonte.

A Rúver Jr, Danielle, Revinha e Marianna – Lagos e rios – onde relva, murmuro um despertar ao mar infinito".

Essa preocupação em metaforizar cada recanto do livro, passa até pelo sumário. Basta ver o primeiro canto com o título "No reino do pau-brasil", que traz um poema nos sub-títulos: "um chão que nina estrelas/ sob um céu nu/ o mapa mundi alterado/ terra de matas e redes/ púlpito de areia/ veredas do alheamento".

O livro de Révia Herculano adequa-se ao estudo dos alunos do ensino fundamental e médio. É o verdadeiro livro paradidático, tendo em vista que por meio do verso poético literário desfila a história do nosso Brasil. Assim, é também um veículo da interdisciplinaridade em que vários saberes se perfilam artisticamente como que convidando o estudante a lhe navegar pelas páginas. Após o término da leitura fica o leitor desejoso de ver esse bem articulado manual de história e poética sendo estudado pelas escolas do nosso país. Todo leitor vai gostar de ver nossa história tratada poeticamente. Révia Herculano nessa história é anfitriã e

convida-nos para esse banquete de signos poéticos onde tudo é deglutido prazerosamente, dos mais antigos ancestrais, passando pelo Bispo Sardinha, até às araras, aos tucanos, às arapongas e macunaímas deste Brasil de cabloco, de mãe preta e pai João.